

## SERVIÇO SOCIAL, GERAÇÃO E CLASSES SOCIAIS: FORMAÇÃO E PRODUÇÃO ACADÊMICA

Juliana Maria Batistuta Teixeira Vale

### Resumo:

O artigo apresenta questões relativas à temática geracional na formação profissional e na produção do conhecimento em Serviço Social. Ao considerar os processos que envolvem as infâncias, as adolescências, as juventudes e as velhices na vida social, é possível refletir, em espaços como o Grupo Temático de pesquisa da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, sobre os desafios postos ao campo dos direitos geracionais.

**Palavras-chave:** Serviço Social; geração; formação; produção do conhecimento

### Introdução

Este trabalho tem o objetivo de chamar a atenção para o avanço do debate em torno da questão geracional no âmbito do Serviço Social brasileiro, colocando-o atrelado às lutas contra todas as formas de exploração, dominação e opressão presentes no modo de <sup>1</sup>produção da vida social em que estamos inseridos. Tal investimento pode ser observado nos recentes esforços empreendidos pelas entidades profissionais, em especial pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), por meio das ações desenvolvidas pelo Grupo Temático de Pesquisa “Serviço Social, Geração e Classes Sociais”, que vem buscando pautar a temática nas dimensões da formação de assistentes sociais e na produção conhecimento desenvolvido por esta categoria profissional. Cabe acrescentar que, parte-se do pressuposto que o debate sobre os desafios enfrentados pela categoria de assistentes sociais em relação a temática em foco pode contribuir a um conjunto mais amplo de trabalhadoras e trabalhadores inseridos nas políticas sociais e na defesa dos direitos geracionais.

Nessa direção, o texto que será apresentado faz uma recuperação do percurso da emergência do GTP Serviço Social, Geração e Classes Sociais da ABEPSS, demonstrando os esforços que a categoria vem empreendendo para acomodar e analisar os estudos desenvolvidos com crianças, adolescentes, jovens e idosos. Este movimento permite a proposição de uma reflexão de caráter introdutório em torno da solução encontrada pela profissão, que foi a de fazer uso da palavra “geração”, ao lado da

---

<sup>1</sup> A primeira elaboração do presente texto foi apresentada na modalidade de comunicação oral durante o 10º Encontro Internacional de Política Social e 17º Encontro Nacional de Política Social realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, no período de 27 a 29 de agosto de 2024.

categoria “classes sociais”, para aglutinar e concatenar as questões que repercutem na vida da classe trabalhadora em seus diferentes ciclos de vida e recortes etários. Assim, alguns questionamentos se fazem pertinentes, seria “geração” uma categoria de análise útil ao Serviço Social para o desvendamento das expressões da questão social produzidas pelo modo de produção capitalista da vida social? Ou devemos tomá-la apenas como um marcador social dentro da perspectiva da análise interseccional da realidade social na sociedade de complexos? Essas são questões identificadas como centrais para um debate ainda incipiente no seio do Serviço Social.

Para caminhar na direção destas reflexões, esta investigação tomou como suporte metodológico a análise documental dirigida aos relatórios de gestão do GTP Serviço Social, Geração e Classes Sociais (biênios 2016-2018, 2019-2020, 2021-2022), recorreu aos resultados da pesquisa exploratória intitulada “Mapeamento sobre Pesquisadoras/es, Atividades Desenvolvidas, Produções e Grupos de Pesquisas que abordam os temas infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos”, desenvolvida no segundo semestre de 2021 com a participação desta autora, bem como pela observação participante viabilizada pela atuação orgânica no espaço do GTP desde o ano de 2021. Portanto, o movimento proposto é o de recuperar o percurso histórico e inaugural do uso da palavra “geração” no âmbito do Serviço Social, para na sequência colocar em relevo aspectos relacionados à formação profissional de assistentes sociais a partir da proposta de inclusão de disciplinas e conteúdos curriculares abarcando esta temática, e por fim apresentar extratos dos resultados da pesquisa mais recente realizada pelo GTP citado. Desta forma, espera-se poder contribuir para situar uma questão emergente e convocar a categoria profissional e outros atores para as problematizações conceituais em torno do tema.

### **A emergência do debate geracional no âmbito do Serviço Social brasileiro**

Em face dos estudos produzidos sobre crianças/infâncias, adolescentes/adolescências, jovens/juventudes, idosos/envelhecimentos/velhices é preciso destacar que este campo do conhecimento é permeado por um debate amplo, plural e diverso, forjado nacional e internacionalmente em distintas perspectivas teóricas, metodológicas, analíticas e políticas. É neste cenário que o Serviço Social se coloca como uma das áreas que, historicamente, vem produzindo conhecimento sobre a

condição de vida de crianças, adolescentes, jovens e idosos brasileiros, pertencentes à classe trabalhadora, vivendo em contextos de vulnerabilidade social, e por essa razão, colocando-se como demandatários das políticas de proteção social onde atuam assistentes sociais. Entretanto, a despeito da longínqua relação que a profissão tem com esses grupos sociais e a temática, é ainda embrionária a produção intelectual da profissão sobre a categoria de análise e/ou marcador social “geração” na sociedade em que vivemos.

Aqui, cabe sinalizar que, as produções sobre “gerações” têm sido identificadas pelo coletivo de pesquisadoras e pesquisadores reunidos no GTP Serviço Social, Geração e Classes Sociais como um campo bastante pantanoso. Isto, pois, não existe no Serviço Social brasileiro a tradição de uso deste conceito presente no debate sociológico, e tampouco um estudo de fôlego sobre o entendimento que a categoria profissional do Serviço Social vem tendo sobre o emprego da terminologia “geração”. Se buscarmos por estudos voltados para a ênfase das juventudes que se destacam por sua abordagem crítica (CALIARI, 2022; SCHERER, 2023), veremos a pertinência do questionamento em torno de epistemologias que sustentam estudos e práticas que capitulam com a sociedade capitalista produtora da questão social, tão combatida pelo Projeto Ético-Político hegemônico do Serviço Social. Portanto, tem-se aqui uma equação problemática colocada pela estratégia do Serviço Social em utilizar a palavra “geração” como forma de sintetizar segmentos etários, que nos lança a conflitos teóricos que não estão tão evidentes, podendo causar confusões conceituais em razão das diferentes concepções societárias em disputa.

Nesse sentido, os pesquisadores que se reúnem em torno das atividades fomentadas pelo GTP em foco vêm se questionando em relação à manutenção ou não do uso da palavra “geração” para referenciar os ciclos do desenvolvimento humano no campo do Serviço Social. O que se coloca em análise é, justamente, se o termo “geração” tem sido eficiente em convocar os profissionais-pesquisadores que atuam com as infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos/velhices a partir da perspectiva crítica ou se esta palavra utilizada sugere outros tipos de debate, tais como a categorização das pessoas que nascem e vivem em determinado período, a exemplo das classificações de geração Baby Boomers, X, Y/Millennials, Z, Alfa. Por conseguinte, está se buscando avaliar se os estudos centrados nas categorias geracionais infâncias/crianças, adolescências/adolescentes, juventudes/jovens, e

envelhecimentos/velhices/idosos vêm recebendo tratamento a partir da perspectiva da ontologia do ser social, afirmada no Código de Ética do/a Assistente Social, ou se o uso da categoria “geração” tem sido utilizado de forma a especializar o debate, fragmentando e mistificando os fenômenos que atravessam a vida de crianças, adolescentes, jovens e idosos inseridos em contextos de vulnerabilidades postas pela ordem capitalista. O risco é o de levar água pro moinho da “decadência ideológica” (LUKÁCS apud CALLIARI, 2023) ou miséria da razão (COUTINHO, 2006), visto que ao eliminar o materialismo histórico e a razão dialética na produção de uma ciência social burguesa, as interpretações dos especialistas passam a ficar circunscritas às condições sociais, psicológicas, culturais ou outras fragmentações que prescindem de dimensionar a totalidade para análise social. No campo das idades e gerações, o risco é o de uma abordagem essencialista do ser e do contexto, deixando de componentes fundamentais da produção e reprodução da vida social.

Nessa direção, retomaremos o percurso do Serviço Social em relação ao uso da palavra geração em um espaço de grande relevância e destaque para o Serviço Social, a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - ABEPSS. A digressão histórica nos mostra que é recente o uso da palavra “geração” como forma nomear os estudos em torno da realidade enfrentada por crianças, adolescentes, jovens e idosos no capitalismo brasileiro. Para trazer elementos relevantes sobre a presença deste marcador social no bojo do Serviço Social e no circuito das principais entidades da categoria profissional do país, este trabalho toma em consideração as movimentações operadas no âmbito da ABEPSS, entidade acadêmico científica responsável por coordenar e articular o projeto de formação em Serviço Social no âmbito da graduação e pós-graduação. Para isto, é válido destacar a estratégia adotada pela entidade, de criação e desenvolvimento de Grupos Temáticos de Pesquisa – GTP, iniciada 2010.

Os GTPs são espaços reconhecidos como necessários à reflexão teórica, caracterizam-se por sua atividade dinâmica e como locus potente para a produção e circulação do conhecimento. São organizados por pesquisadores da área de Serviço Social e afins, que tratam de temas de relevância social, constituindo-se em núcleos eficientes para a disseminação de conteúdos sobre temáticas específicas, promovendo debates fecundos a respeito de temas de interesse profissional e das forças progressistas da sociedade. Os GTPs promovem a “integração entre a pesquisa desenvolvida nas unidades de formação acadêmicas (UFAs) e as linhas de pesquisa consideradas para a

área, estimulando e fortalecendo as instâncias do debate sobre a política científica no país”. Os Grupos Temáticos de Pesquisa são formados por pesquisadores, Grupos, Núcleos, Redes da área e de áreas afins, para tratarem de temas de relevância social. Esses grupos têm vida própria e autonomia, mas estão vinculados organicamente à ABEPSS.

Assim que, em 2010, dentre outros temas, foi criado o GTP- Classe Social, Gênero, Raça/Etnia, Geração, Diversidade Sexual e Serviço Social. Trata-se de um marco para a emergência do termo “geração” como uma alternativa para reunir as questões relativas às infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos trabalhados pela profissão. Contudo, cabe destacar que, naquele momento, a ênfase em aspectos geracionais dentre os participantes do grupo temático de pesquisa mencionado estava restrita apenas ao debate acerca da pessoa idosa. A ementa do GTP sintetizava os seguintes temas: “Serviço Social e o sistema capitalista-patriarcal-racista-heterossexista. Sexualidades, relações sociais de gênero, étnico-raciais e geracionais”, de forma que a centralidade das determinantes de classe ainda não estava colocada de forma expressa no texto. Ademais, a iniciativa de pautar as categorias geracionais teve descontinuidades, visto que no biênio 2013-2014, a ênfase “geração” não integrou o referido GTP por falta de disponibilidade de pesquisadoras/es da área para compor sua coordenação, fato que evidencia o desafio que tem sido para articular este tema no espaço de reflexão teórica e sob a chave “geração”, a despeito de ser um tema muito trabalhado pela base profissional nos espaços sócio-ocupacionais.

Em 2014, as preocupações relacionadas com as pesquisas crianças, adolescentes e jovens foram retomadas, considerando a necessidade de ampliação das ênfases nos trabalhos com o marcador “geração” no GTP. Foi nesta ocasião que as discussões acumuladas levaram à aprovação da inclusão de pelo menos um componente curricular obrigatório na graduação de Serviço Social, abordando as temáticas relacionadas às relações sociais de classe, gênero, etnia/raça, sexualidade e geração. Este foi um importante movimento no intuito de que o debate em torno da questão da infância, adolescência, juventude e velhice/envelhecimento, que é permeado pela diversidade teórica, passasse a assumir uma abordagem mais rigorosa e crítica durante a formação de assistentes sociais.

O processo de maturação das discussões, considerando as especificidades e complexidades relacionadas às categorias geracionais, fez com que a Coordenação do

GTP Classe Social, Gênero, Raça/Etnia, Geração, Diversidade Sexual e Serviço Social trouxesse a proposta de criação de um novo GTP, que congregasse separadamente as discussões sobre geração, para que suas temáticas tivessem mais espaço e pudessem receber mais atenção. Nessa intenção, em 2016, durante o XV ENPSS realizado em Ribeirão Preto - SP, o GTP Classe Social, Gênero, Raça/Etnia, Geração, Diversidade Sexual e Serviço Social se desmembrou, permitindo a criação de dois Grupos Temáticos de Pesquisa: (1) “Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades” e (2) “Serviço Social, Geração e Classes Sociais”. Portanto, o GTP “Serviço Social, Geração e Classes Sociais” se configurou como o grupo mais recente incluído no rol de GTPs da ABEPSS<sup>2</sup>. Desta forma, pode se dizer que o ano de 2016 é um importante marcador analítico para a observação investigativa em relação a entrada do termo geração na produção do conhecimento relacionada a essa temática no Serviço Social. E desde então, o referido GTP vem buscando consolidar e cultivar esse debate na área, com vistas a fortalecer a perspectiva crítica. A ementa do GTP “Geração” passou a ser enunciada da seguinte forma:

O debate geracional no mundo contemporâneo. Os processos que envolvem infância, juventude e velhice enquanto construções sociais, históricas e culturais, bem como expressões da questão social. Indicadores socioeconômicos, proteção social e protagonismo político. As demandas pela reconfiguração do espaço urbano e de equipamentos sociais. O trabalho do assistente social junto à infância, juventude e velhice.

Contudo, os pesquisadores reunidos avaliavam que ainda era preciso avançar na forma como enunciar o conteúdo do GTP, de maneira que, em 2018, durante o colóquio que ocorreu no XVI ENPSS realizado em Vitória - ES, foi apontada a necessidade de ajuste na ementa, com o objetivo de trazer centralidade para a categoria de classe social conforme enunciado no nome do GTP. Além do mais, é curioso notar que a “adolescência”, que também possui debates particulares e específicos, não estava citada na redação. Nessa direção, a atual ementa passou a se apresentar com o seguinte enunciado:

---

<sup>2</sup> Atuais GTPs da ABEPSS: Trabalho, Questão Social e Serviço Social; Política Social e Serviço Social; Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional; Movimentos Sociais e Serviço Social; Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social; Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnias e Sexualidades; Ética, Direitos Humanos e Serviço Social; e Serviço Social, Geração e Classes Sociais.

O debate sobre gerações e os determinantes de classes na contemporaneidade. Os processos sociais e políticos que envolvem infância, adolescência, juventude e velhice enquanto construções sociais, históricas e culturais, bem como as expressões da questão social. Indicadores socioeconômicos, proteção social e organização política. As demandas pela ampliação das políticas sociais e a reconfiguração do espaço urbano. O trabalho de assistentes sociais junto à infância, adolescência, juventude e velhice. (GTP Geração – ABEPSS)

Portanto, o que podemos identificar no percurso histórico de formação do GTP criado para abordar especificamente as questões geracionais, levando em consideração as particularidades relacionadas às infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos/velhices é que, a categoria profissional por meio de sua entidade responsável por pensar o ensino e a pesquisa em Serviço Social no Brasil, vem buscando fomentar o referencial teórico-metodológico alinhado ao Projeto Ético-Político profissional quanto ao tema. Isso significa que, as conquistas ético-políticas alcançadas pela profissão precisam se traduzir em ganhos teóricos e práticos no momento de abordar as problemáticas com as quais lidamos na produção do conhecimento e na proposição de intervenções na realidade social enfrentada por crianças, adolescentes, jovens e idosos da classe trabalhadora.

Cabe informar que, o movimento pelo melhor entendimento da questão geracional e aprimoramento do texto da ementa que deve orientar os trabalhos segue em curso nos debates da atual gestão do GTP (biênio 2023-2024), sendo realizados nas assembleias das Comissão Ampliada do GTP, onde tem sido problematizada a inclusão de outras categorias teóricas no texto, tais como raça/etnia, gênero/sexualidades, capacidades, além de outros elementos pertinentes ao debate. Aqui, é válido ressaltar que, se em um primeiro momento o movimento de revisão da ementa foi o de trazer a centralidade das classes sociais para o texto, como forma de apresentar uma abordagem colada aos Fundamentos do Serviço Social, de maneira a assumir a crítica radical à sociedade de classes posta pelo modo de produção capitalista (apontando para a necessidade de enfrentar o debate ontológico); nesta nova fase, identifica-se um adensamento em torno da compreensão da manifestação da questão social, incluindo outros marcadores para a análise das relações sociais que a cercam. Diante desta tendência, pode-se inferir que este movimento vem a reboque da postura antirracista que a profissão vem assumindo e pela compreensão de que a categoria “raça/etnia” é imprescindível para desvendar as expressões da questão social brasileira. Por

consequência, “gênero” (e sexualidades) passa também a ser tomada como categoria fundamental, algo que o movimento feminista negro introduziu com muita força para a análise da realidade social (BRANDÃO; ALZAGUIR, 2022). Trata-se do reconhecimento da relação interseccional na hora de expressar as desigualdades sociais<sup>3</sup>, ainda que exista tensionamentos teóricos-políticos (HIRATA, 2014). O capacitismo é outro debate que vem ganhando espaço.

Outros dois aspectos em discussão para inclusão na ementa do GTP diz respeito aos estudos em torno da organização e participação política de crianças, adolescentes, jovens e idosos, iniciativa imprescindível para nos aproximar da realidade social vivida por esses sujeitos a partir de suas próprias perspectivas. E por fim, coloca-se em relevo a presença na ementa não só do trabalho de assistentes sociais no atendimento direto às infâncias, adolescências, juventudes e velhices, mas também em relação ao trabalho na formação profissional de assistentes sociais, considerando sua atuação junto a esses grupos sociais. Neste ponto, este texto segue ressaltando a deliberação tirada durante Assembleia da ABEPSS em 2014, que veio a favorecer a inclusão de disciplinas e conteúdos curriculares abarcando outras relações sociais expressas na questão social brasileira para além da classe social, como é o caso da “geração”.

### **A questão geracional e as diretrizes curriculares do Serviço Social no Brasil**

No que diz respeito às diretrizes curriculares, é fundamental ressaltar os esforços das entidades profissionais em relação ao processo de formação das e dos assistentes sociais por meio da proposta de incluir disciplinas e conteúdos curriculares no Currículo Pleno dos cursos de graduação. Assim, em dezembro de 2014, foi aprovado por unanimidade na Assembleia da ABEPSS, realizada em Natal-RN por ocasião do XIV ENPESS, a inclusão de pelo menos um componente curricular obrigatório na graduação de Serviço Social, abordando as temáticas relacionadas às relações sociais de classe, gênero, etnia/raça, sexualidade e geração. O entendimento dessa necessidade parte da compreensão de que, embora no modo de produção capitalista a análise de classe social

---

<sup>3</sup> Segundo Brandão e Alzuir (2022), a interseccionalidade é uma perspectiva analítica decolonial, que reúne diferentes sistemas de opressão ou dominação que “convergem reiterando subordinações cruzadas entre gênero, raça, classe, dentre outros marcadores sociais” (p.76). É, portanto, uma ferramenta teórica e política na análise das desigualdades sociais e de barreiras estruturais e simbólicas que impedem o acesso a bens e serviços de um país.

seja central e incontornável, as expressões da questão social são mediadas dialeticamente pelas relações citadas, que carecem de mais espaço e profundidade durante a formação profissional.

Consta no documento produzido na ocasião:

Sabemos que os conflitos e antagonismo de classe são fundantes da questão social. As classes sociais, todavia, são mediadas e constituídas por outras relações sociais. Trata-se de entender as classes sociais em uma perspectiva de totalidade, ou seja, elas não se esgotam em si mesmas, mas estão correlacionadas com outras relações sociais. Nesse sentido, compreendemos que da mesma forma que não podemos isolar as análises sobre geração, sexo/gênero, raça/etnia e sexualidades das relações de classe, não podemos desconsiderar que as classes não são homogêneas, pois, são também, mediadas por essas dimensões. (Documento Componente Curricular Obrigatório, ABEPSS, 2016)

Face ao exposto, debates, eventos, oficinas, seminários, estudos e apoio aos movimentos sociais também foram estratégias sugeridas pelo documento. Nessa direção, é interessante notar que o CFESS passou a organizar uma série de publicações para tratar de temas urgentes para o aprofundamento dos estudos da profissão no que tange a marcadores presentes nas relações sociais que atravessam a questão social brasileira. Dentre as publicações, destaca-se a série “Assistente Social no Combate ao Preconceito”, que tem 8 cadernos que tratam sobre formas de preconceito relacionados com o uso de drogas, racismo, transfobia, xenofobia, uso da política de saúde mental, pessoa com deficiência, machismo. Portanto, constata-se o avanço das pautas coladas nos temas de gênero, raça/etnia e sexualidade, no entanto, ainda não foi identificada publicação deste porte abordando a temática “geração”.

Assim, apesar de constar no referido documento da ABEPSS a menção aos “preconceitos geracionais”, na passagem:

Entendemos que independentemente da classe, as mulheres sofrem com o patriarcado, a população negra sofre com o racismo, os/as LGBT sofrem com a homo/lesbo/transfobia, crianças, adolescente, jovens e idosos/as com **preconceitos geracionais**, todavia, essas opressões não se operam de forma indiferenciada ou mesmo isolada, mas correlacionadas entre si e mediadas pelas condições de classe a que cada um(a) pertence. (Documento Componente Curricular Obrigatório, ABEPSS, 2016, grifos nosso)

Portanto, a despeito dos estudos envolvendo trabalhos com crianças, adolescentes, jovens e idosos, nota-se que ainda não existe um estudo aprofundado

sobre o conceito de geração no Serviço Social, mantendo uma lacuna importante na orientação de como aplicar tal categoria de análise ou marcador social ante a realidade brasileira. Essa vacuidade requer maior atenção, tendo em vista impedir que a produção do conhecimento se deixe capturar por epistemologias e pelas especializações que não sustentam a perspectiva de totalidade social na análise. É nesse sentido que o GTP Serviço Social, Geração e Classes Sociais da ABEPSS é tomado como um *locus* privilegiado para o amadurecimento em torno desta questão, permeada por lacunas e controvérsias por estar situada em meio à diversidade de concepções utilizadas para produzir sentidos e compreensões em torno da palavra “geração” na contemporaneidade.

Desse modo, sobre a presença de disciplinas relacionadas às temáticas geracionais nos cursos de graduação, é interessante observar os resultados da pesquisa exploratória intitulada “Mapeamento sobre Pesquisadoras/es, Atividades Desenvolvidas, Produções e Grupos de Pesquisas que abordam os temas infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos”, realizada pelo GTP, durante a gestão do biênio 2021-2022. A pesquisa utilizou como metodologia a divulgação de formulário on-line encaminhado para pesquisadores e pesquisadoras que estavam com seus endereços eletrônicos registrados no relatório da gestão referente ao biênio 2019-2020, além da divulgação do mesmo nas redes sociais da ABEPSS (Facebook e Instagram). Foram obtidos um total de 47 formulários preenchidos, sendo que a coleta de dados ocorreu entre o final do mês de agosto e início de setembro de 2021. Para a análise dos dados qualitativos, foi feito um recorte englobando os formulários que haviam sido respondidos por participantes que informaram estar desenvolvendo atividades de trabalho docente em Unidade de Formação Acadêmica (UFA), um total de 29 respondentes (62% do universo total de participantes).

Destaca-se que uma das questões que estava posta no formulário dirigido aos docentes é se existe disciplina específica acerca do tema “Serviço Social, Geração e Classes Sociais” nas UFAs em que os participantes estavam inseridos. Dos 29 respondentes da pesquisa, 52% afirmaram que existem disciplinas específicas. Dentre as UFAs com presença de disciplinas específicas constaram: UFAL; UFPE; UERJ; UFF Niterói; UFF Campos dos Goytacazes; UFRGS; PUC-RS; UFSM; UNIPAMPA; UNILA; UEL; UNIFRAN e UNINTER.

Os respondentes que negaram a presença de disciplinas específicas correspondem às seguintes UFAs: UFRJ; UFF Rio das Ostras; PUC-Rio; PUC-SP; UNESP; UFJF; PUC-GO; UNESPAR e UNINASSAU. Contudo, vale ressaltar que alguns participantes alegaram que o tema não existe como *“disciplina específica, mas sim integrado em oficinas de trabalho profissional”* (PUC-SP); que o curso segue *“sem disciplina específica na graduação com esses temas, somente inserido em outras mais gerais”* (PUC-Rio); ou que *“o tema é tratado em outras disciplinas”* (UNESP).

Este trabalho visa chamar a atenção para as respostas afirmativas sobre onde há disciplinas voltada para as ênfases da categoria “geração” (infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos), visto que 18 títulos foram informados. São eles:

- Estudos Temáticos Crianças e Adolescentes;
- Política de Atenção à Criança e ao Adolescente;
- Políticas Sociais: Crianças, Adolescentes e Mulheres;
- Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes;
- Tópicos Especiais em Fundamentos do Serviço Social XI - Questão Social, Serviço Social, Infância e Juventude;
- Questão Social, Serviço Social, Infância e Juventude;
- Criança, Adolescente e Juventudes na Sociedade Brasileira;
- Políticas Sociais para Crianças, Adolescentes e Jovens;
- Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas;
- ECA, Questão Racial, Processos Educativos e Assistenciais;
- Infâncias, Juventudes e Desigualdades Raciais;
- Seminário Temático - Proteção à Infância e Juventude;
- Juventude e Políticas Públicas;
- Disciplinas de estágio e eletivas com ênfase no envelhecimento, infância, adolescência e juventude;
- Políticas Sociais para Idosos;
- Políticas Sociais: Pessoa Idosa e Pessoa com Deficiência;
- Dimensões Sociais do Envelhecimento;
- Interfaces do Processo de Envelhecimento.

Nos títulos informados, é possível perceber a tendência em trazer uma abordagem voltada para pensar a questão social na sociedade brasileira e as políticas públicas com ênfase na proteção social de crianças, adolescentes, jovens e idosos.

Dentre os temas mais específicos, destaca-se as desigualdades raciais; a violência sexual contra a criança e ao adolescente; e as dimensões sociais relacionadas ao processo do envelhecimento nesta sociedade.

Outro aspecto que merece ser destacado é que a palavra “geração” não é mencionada nos títulos das disciplinas, e que apesar de seu uso pela ABEPSS com o objetivo de acomodar as ênfases geracionais no campo da produção do conhecimento desenvolvida pelo Serviço Social, o mais usual é encontrar enunciados que prescindem deste uso. Este achado vai ao encontro da percepção coletiva compartilhada entre pesquisadoras e pesquisadores do GTP, de que a ausência de um estudo aprofundado sobre a questão geracional no modo de produção capitalista compromete a apropriação conceitual do termo por assistentes sociais a partir de uma perspectiva crítica e engajada na transformação social. Sendo assim, como as questões que envolvem o tema das gerações têm desafiado as pesquisas empreendidas em diferentes áreas, a presença da terminologia “geração” no Serviço Social ainda está em avaliação.

### **Considerações finais**

Este trabalho visou apresentar dilemas que estão presentes no campo da formação e da produção conhecimento profissional a partir da chave de análise “Serviço Social, Geração e Classes Sociais”, proposta por um Grupo Temático de Pesquisa – GTP da ABEPSS. A pertinência deste tema está relacionada à longa trajetória de atuação de assistentes sociais no campo da defesa de direitos de crianças, adolescentes, jovens e idosos desde a gênese da profissão no Brasil, na rede pública e privada. Nos mais diversos espaços sócio-ocupacionais, assistentes sociais desenvolveram e desenvolvem o seu trabalho profissional junto aos segmentos sociais citados, participando ativamente das transformações societárias que a sociedade brasileira vivenciou nas últimas décadas. Desse modo, o Serviço Social se constitui como uma profissão que pôde contribuir com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, com o Estatuto da Pessoa Idosa em 2003, e com o Estatuto da Juventude em 2013. Desta forma, a categoria profissional incidiu na agenda das políticas públicas no tocante a essas ênfases geracionais, articulou-se com os diversos movimentos sociais de luta por direitos e vem atuando na produção de conhecimento acadêmico e científico.

Todavia, nota-se que ainda há uma lacuna frente à temática geracional em perspectiva crítica na ordem societária em que estamos inseridos, o que nos impõe a necessidade de buscar formas para dar maior visibilidade a esta questão no âmbito da produção do conhecimento empreendida pelo Serviço Social. Acredita-se que este vácuo já vem sendo percebido pela categoria profissional nos últimos anos, tanto é que, em 2021, pela primeira vez, foi realizado um seminário exclusivo sobre o tema. Tal seminário não foi organizado em torno do enunciado “geração”, tendo sido intitulado Seminário Nacional “Serviço Social em Defesa das Infâncias, Adolescências e Juventudes” (a ênfase Envelhecimentos/Velhices não foi abordada), e ainda sim demonstrou sua importância como iniciativa de fomentar o debate profissional em torno da questão geracional ou das idades na sociedade brasileira. O mesmo foi resultado da discussão realizada e do consenso estabelecido durante a Plenária Nacional CFESS-CRESS, ocorrida em 2020, com participação de todos os estados.

Diante destas considerações, voltamos às perguntas iniciais colocadas no início deste texto, se “geração” deve ser tomada como uma categoria de análise útil ao Serviço Social, para o desvendamento das expressões da questão social produzidas pelo modo de produção capitalista da vida social; ou se devemos tomá-la apenas como um marcador social dentro da perspectiva da análise interseccional na sociedade de complexos? Essas questões aparecem como pano de fundo nas principais discussões em curso no GTP, o que vai ao encontro da necessidade de serem conteúdos trabalhados durante a formação de assistentes sociais. Nesse sentido, considera-se acertado o estímulo para que as grades curriculares contemplem temas que estão fortemente presentes na conformação das políticas públicas de proteção social no Brasil. Tal apontamento é válido para o Serviço Social e para demais categorias profissionais com larga atuação com os direitos sociais na perspectiva geracional.

Em dezembro de 2022, durante o XVII ENPESS realizado no Rio de Janeiro – RJ, no decorrer do Colóquio realizado pelo GTP “Serviço Social, Geração e Classes Sociais” (conduzido pela gestão do biênio 2021-2022), essas questões novamente reapareceram quando o coletivo reunido se perguntou sobre a continuidade do uso da terminologia “geração” ou não, visto que muitas pesquisadoras e pesquisadores não se reconhecem como estudiosos da categoria “geração” da forma como ela é encontrada no cenário das Ciências Humanas e Sociais. Por essas razões, há dúvidas se o referido termo está auxiliando a categoria profissional na mobilização de profissionais engajados

na produção do conhecimento. A referida problematização foi incorporada nos subsídios teóricos utilizados para fundamentar a proposição de um projeto intitulado “Serviço Social, Geração e Classes Sociais: Produção do Conhecimento, Formação e Trabalho Profissional na perspectiva da Garantia de Direitos para Infâncias, Adolescências, Juventudes e Velhices”, aprovado pelo Edital Universal do CNPq no final do ano de 2023. Espera-se que o projeto de caráter interinstitucional em desenvolvimento, possa mobilizar pesquisadoras e pesquisadores de todas as regiões do Brasil para tecer contribuições na busca pela identificação das tendências teóricas relacionadas à temática no bojo do Serviço Social brasileiro. No âmbito da pesquisa bibliográfica que será empreendida, serão consultados autores que permitam compreender e traçar um quadro conceitual sobre a temática da geração e os processos sócio-históricos que particularizam a realidade brasileira, algo muito esperado pelo coletivo reunido nas atividades do GTP da ABEPSS e que poderá reverberar nos cursos de Serviço Social por todo o país.

Qual será o consenso que a categoria profissional irá formar sobre o uso da terminologia “geração” pelo Serviço Social não é possível prever, mas seja como for, os espaços coletivos, tais como o do GTP “Serviço Social, Geração e Classes Sociais”, demonstram o seu potencial de defesa do pensamento crítico visando a transformação da sociedade, sobretudo, em tempos de avanço (ultra)neoliberal e (neo)conservador, que destroem as parcas conquistas civilizatórias alcançadas na área das infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos/velhices. Em um momento de arejamento democrático, no qual a direção social do projeto societário segue em disputa árdua, é importante que todo o recurso teórico-conceitual e metodológico esteja aliado aos princípios ético-político comprometidos com a classe trabalhadora, na busca pela reorientação das políticas públicas brasileiras de proteção social, como forma de mitigar as desigualdades sociais, sendo que para isto é importante compreender como a questão social repercute sobre a vida de crianças, adolescentes, jovens e idosos.

## Referências

CALLIARI, H. F. A diversidade, as idades, as gerações: das especializações medíocres aos estudos necessários para a Sociologia da Juventude. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, volume 146 (1), p. 284-304, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. Componente Curricular Obrigatório. GTP: Serviço Social, Relações de

Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração, Sexualidades, Gestão 2015-2016, 2016.

COUTINHO, C. N. Intervenções – O marxismo na batalha das ideias. São Paulo: Cortez, 2006.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social Revista de Sociologia da USP, v.26, n.1, p. 61-73, jun 2014.

SHERER, G. A. et al. Crise e questão social: rebatimentos para infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos. Temporalis, Brasília, ano 21, n. 42, p. 320-334, jul./dez. 2021.

Nota curricular da autora:

Juliana Maria Batistuta Teixeira Vale é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com apoio de bolsa CAPES PNPd, atua como pesquisadora no Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI/PUC-Rio) e é pesquisadora associada ao Núcleo de Extensão e Pesquisa em Direitos Humanos, Infância, Juventude e Serviço Social (NUDISS/UFF). Endereço postal: Estrada da Gávea, 50– Gávea, 22451-263 – Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: [jmbtvale@gmail.com](mailto:jmbtvale@gmail.com)